



Vagina
Uma Biografia

Naomi Wolf



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Uma nova biografia

Naomi Wolf



Título original:

Vagina

Copyright © 2013 by Naomi Wolf

1ª edição — Outubro de 2013

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009

Editor e Publisher

Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial

Fernanda Emediato

Produtora Editorial e Gráfica

Priscila Hernandez

Assistente Editorial

Carla Anaya Del Matto

Diagramação

Ilustrarte Design e Produção Editorial

Preparação de Texto

Sandra Dolinsky

Revisão

Vinicius Tomazinho

Taissa Antonoff Andrade

Josias A. Andrade

Conversão para epub

Obliq Press

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wolf, Naomi

Vagina : uma biografia / Naomi Wolf ; [traduzido por Renata S. Laureano]. — São Paulo : Geração Editorial, 2013.

Título original: Vagina : a new biography.

ISBN 978-85-8130-168-6

1. Feminilidade 2. Mulheres – Comportamento sexual – Estados Unidos 3. Mulheres – Prazer sexual 4. Vagina 5. Wolf, Naomi I. Título.

13-04872 CDD-305.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Sexualidade : História cultural 305.42
2. Prazer sexual feminino : História cultural 305.42
3. Sexualidade feminina : História cultural 305.42

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225 — Lapa

CEP: 05075-010 — São Paulo — SP

Telefax: (+ 55 11) 3256-4444

E-mail : geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

twitter: [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)

2013

Para A.

Quão estranho e medonho lhe pareceu ficar nua a céu aberto! Quão delicioso! Sentia-se como uma criatura recém-nascida, abrindo os olhos num mundo familiar que nunca havia conhecido.

Kate Chopin, *O despertar*

Sumário

- [Dedicatória](#)
- [Epígrafe](#)
- [Copyright](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Introdução](#)
- [PARTE UM - A vagina possui uma consciência?](#)
- [1 - Conheça seu incrível nervo pélvico](#)
- [2 - O sistema nervoso autônomo dos sonhos](#)
- [3 - Confiança, criatividade e o sentimento de interconexão](#)
- [4 - Dopamina, opiáceos e oxitocina](#)
- [5 - O que “sabemos” sobre a sexualidade feminina está ultrapassado](#)
-
- [PARTE DOIS - História: conquista e controle](#)
- [6 - A vagina traumatizada](#)
- [7 - No início a vagina era sagrada](#)
- [8 - A vagina vitoriana: medicalização e subjugação](#)
- [9 - Modernismo: a vagina “liberada”](#)
-
- [PARTE TRÊS - Quem dá nome à vagina?](#)
- [10 - A pior palavra que existe](#)
- [11 - Foi engraçado?](#)
- [12 - A vagina pornográfica](#)
-
- [PARTE QUATRO - A dança da deusa](#)
- [13 - “O ser amado sou eu”](#)
- [14 - Prazer radical, despertar radical: a vagina como liberadora](#)
-
- [Conclusão](#)
- [Bibliografia seleta](#)

Agradecimentos

E ste livro jamais poderia ter sido escrito sem a ajuda de muitas outras pessoas, especialmente os vários cientistas, pesquisadores, terapeutas e médicos renomados que entrevistei. Essas pessoas compartilharam generosamente seu tempo e conhecimento comigo, com o objetivo de informar melhor os leigos sobre a saúde e sexualidade das mulheres. Por ordem de entrada no livro, sou muito grata à dra. Deborah Coady, da SoHo OB/GYN em Nova Iorque; Nancy Fish, da mesma clínica; dr. Ramesh Babu, do Hospital da Universidade de Nova Iorque; dr. Jeffrey Cole, do Kessler Center for Rehabilitation in Orange, Nova Jersey; dr. Burke Richmond, da Faculdade de Medicina e Saúde Pública da Universidade de Wisconsin; Katrine Cakuls, de Nova Iorque; dr. Jim Pfaus, da Universidade de Concordia, em Montreal, Quebec; ao autor de textos médicos, dr. Julius Goepp; e dr. Basil Kocur, do Hospital Lenox Hill, de Nova Iorque.

Entrevistar os cientistas foi extremamente inspirador, porque pude testemunhar seu comprometimento com o desenvolvimento de um entendimento maior da sexualidade feminina, e as entrevistas com os médicos também foram inspiradoras, porque testemunhei sua sincera dedicação ao avanço dos tratamentos direcionados à saúde sexual das mulheres. Muitos desses cientistas e médicos leram o manuscrito em várias versões, e agradeço a eles, de todo meu coração, por seu tempo, já sujeito a várias demandas, e por seu precioso *feedback*. Qualquer erro, é claro, foi por minha conta.

Sou grata a Caroline e Charles Muir e a Mike Lousada, que dedicaram seu tempo a me ensinar sobre a história e a prática do Tantra.

Muita gratidão também a muitas mulheres e homens que compartilharam suas histórias pessoais, usando seus próprios nomes ou pseudônimos.

Tenho uma dívida de gratidão para com meus brilhantes editores Libby Edelson e Daniel Halpern, da Harper Collins, e Lennie Goodings, da Virago.

Não poderia contar com leitores e comentaristas mais perceptivos, desafiadores e inspirados. Obrigada também a Michael McKenzie e Zoe Hood. A revisora Laurie McGee, foi meticulosa e paciente. John e Katinka Matson e Russell Weinberger, da Brockman, Inc., meus agentes, também leram várias versões do manuscrito e forneceram comentários valiosos.

Minha mais profunda gratidão, como sempre, é para minha família — pais, parceiro e filhos.

Introdução

O QUE É A VAGINA?

*P*or que escrever um livro sobre a vagina?

Sempre me interessei pela sexualidade feminina. A forma como qualquer cultura trata a vagina — quer com respeito ou desrespeito, quer com cuidado ou agressividade — é uma metáfora para como as mulheres em geral são tratadas naquele local e naquele momento. E já houve tantas formas de ver a vagina — o que os estudiosos de história intelectual chamam de “constructos” — quanto houve culturas. Quando comecei esta jornada, pensava que, se olhasse para a vagina dessas diferentes perspectivas históricas, aprenderia muito sobre as mulheres, tanto como objetos sexuais quanto como membros da comunidade; que esta investigação certamente iluminaria onde estamos hoje. (Também há o fato de que sou mulher e gosto de prazer, e estava ansiosa para aprender coisas que talvez não soubesse sobre a sexualidade feminina.) Pensava que encontraria a verdade sobre a vagina estudando todos esses constructos. Acreditava que alguns se provariam basicamente precisos, e outros, profundamente imprecisos. Mas, agora, creio que todos eles são apenas parcialmente verdadeiros e que alguns constructos — incluindo o nosso próprio — são altamente subjetivos e cheios de desinformação.

Será que a vagina é o caminho para a iluminação, como o é para os praticantes do Tantra? Ou um “lótus dourado”, como defende a filosofia chinesa do Tao? Será que ela é o “buraco” de que os elisabetanos acreditavam se tratar? Ou será o campo de testes para a maturidade feminina, um órgão cujas reações separam as mulheres das meninas, como acreditava Sigmund Freud? É o que as feministas dos anos 1970 em diante alegam ser — um órgão sem grande importância subordinado ao tão mais glamouroso clitóris? Ou será o que a pornografia de massa contemporânea alega: um

orifício “gostoso”, mas essencialmente descartável, visualmente disponível aos milhares a qualquer um que tenha um *modem*? Ou será o que as pós-feministas, tão diretas em relação ao sexo, dizem ser: uma fonte rápida de prazer para mulheres libidinosas que demandam satisfação imediata, seja por meio daquele telefonema de fim de noite para parceiros casuais, seja pelos brinquedinhos eletrônicos altamente tecnológicos?

Li livros como o dos biólogos evolucionistas Christopher Ryan e Cacilda Jethá, *Sex at Dawn*; reli o *Relatório Hite: um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*,^[1] da socióloga Shere Hite; estudei histórias da vagina, como *A história da V*, da historiadora cultural Catherine Blackledge,^[2] e dei uma olhada nos mais recentes estudos sobre o orgasmo feminino em bancos de dados científicos, tais como *The Archives of Sexual Behavior*. Viajei a laboratórios, onde pesquisa de ponta na área de neurobiologia é desenvolvida para determinar o papel do prazer sexual feminino — como o do dr. Jim Pfaus, da Universidade Concórdia, em Montreal, Quebec, onde experimentos históricos estão determinando que o prazer sexual feminino tem um papel importante na seleção dos parceiros mesmo nos mamíferos inferiores.

Comecei a sentir que todos esses livros, artigos e viagens ofereciam apenas peças do quebra-cabeça.

Por razões pessoais, assim como intelectuais, comecei a perceber que a manchete real é aquela raramente mencionada, exceto por um pequeno círculo: a de que há uma conexão profunda entre o cérebro e a vagina que me parece contar mais verdade do que tudo o mais que eu estava explorando. O germe deste livro começou a crescer como uma jornada histórica e cultural, mas rapidamente evoluiu para um ato de descoberta muito pessoal e necessário. Precisava descobrir a verdade sobre a vagina por causa de um vislumbre que tive, por acidente, de uma dimensão de sua realidade que jamais havia visto antes.

Devido a uma crise médica, tive uma experiência revolucionária que provocou muitos pensamentos e sugeriu uma relação possivelmente crucial da vagina com a própria consciência feminina. Quanto mais eu aprendia, mais entendia as formas como a vagina faz parte do cérebro feminino e, portanto, parte da criatividade, confiança e até mesmo do caráter feminino.

Conforme fui aprendendo mais sobre a neurociência e a fisiologia por trás do que havia experimentado, as conexões entre o cérebro feminino e a vagina

foram se introduzindo em meu entendimento de outras questões que as mulheres enfrentam. Depois que provei que essas conexões eram reais, senti que ali estava a chave para muitas das coisas que aconteceram às mulheres ao longo da história. Senti, também, que conhecer as informações sobre essas conexões — e os vislumbres que elas propiciavam sobre o ser e a sexualidade feminina — era importante para as mulheres de hoje e, sem dúvida, para qualquer pessoa que se importe com as mulheres, porque ajudam a nos entender melhor e a nos valorizar da forma devida.

Como parte desta investigação, também queria ouvir o que os homens tinham a dizer sobre seus sentimentos pela vagina — além da história bidimensional que nossa cultura saturada de pornografia nos conta. Quando comecei a contar qual era o tema de meu estudo, vários conhecidos reagiram às minhas perguntas sobre seu relacionamento com a vagina com respostas encorajadoramente amáveis. Frequentemente, apesar de nem sempre, palavras como adoração ou até mesmo amor apareceram nas expressões de homens que queriam descrever seus sentimentos por essa parte da mulher. Os sentimentos descritos por esses homens, apesar de não se tratar de homens ou palavras retirados de amostras aleatórias, estavam muito longe de ser aviltantes ou pornográficos.

Para minha surpresa, muitos homens heterossexuais que se dispuseram a falar comigo sobre como se sentiam expressaram uma espécie de *gratidão* holística (ou seja, não apenas sexual) pela vagina e não enfatizaram aspectos do prazer isolados do que frequentemente caracterizaram como um sentimento de alívio e alegria ao serem “aceitos” e “acolhidos” de forma tão completa. De fato, aceitação e acolhimento foram duas palavras que apareceram repetidas vezes nas conversas de homens heterossexuais comigo. Suas respostas me fizeram pensar que as mulheres subestimam a importância que os homens dão à aceitação deles por elas.

É claro que podemos pressupor que algumas dessas respostas foram mediadas pelo fato de que uma mulher estava fazendo a pergunta. Mas o fato de que tantos tocaram na mesma nota emocional repetidas vezes me fez acreditar que havia uma verdade ali. Quando descrevi as conexões que estava descobrindo entre a vagina e outros tipos de criatividade e bem-estar, alguns homens replicaram que essas possíveis conexões estavam de acordo com suas próprias experiências com as mulheres de sua vida.

Esse conjunto inicial de percepções sobre a conexão cérebro-vagina e as verdades mais sutis que derivei daí sobre as respostas emocionais e sexuais das mulheres mudaram minha própria vida, assim como meu relacionamento e minha forma de ver as coisas, para melhor. Fizeram-me sentir, de uma maneira nova — sem desrespeito nenhum aos homens — como eu tinha uma *sorte* incrível por ser mulher, e isso me ajudou a entender melhor exatamente *por que* as mulheres têm sorte de ter nascido em seu corpo.

Uma fonte de desconforto a respeito de ser mulher nesta cultura é o fato de que a linguagem que usamos para falar sobre nosso corpo, e sobre a vagina em particular, é tão horrorosa. O mal-entendido comum sobre a vagina como sendo feita de “mera carne” é a principal razão para esse desconforto. O prazer sexual feminino, se corretamente entendido, não tem a ver somente com a sexualidade ou com o prazer em si. Serve também como uma mídia para o autoconhecimento e a positividade femininos; para a criatividade e a coragem femininas; para o foco e a iniciativa femininos; para o êxtase e a transcendência femininos; e como uma mídia para uma sensibilidade que se parece muito com a liberdade. Entender a vagina apropriadamente é perceber que não se trata apenas de uma extensão do cérebro feminino, mas que ela faz parte, essencialmente, da alma das mulheres.

Conforme passei a entender melhor esses aspectos da vagina, comecei a fazer perguntas a mulheres e pesquisadores que exploravam a conexão entre ela e a criatividade e confiança femininas e um sentido de ligação às coisas e às pessoas. As respostas que recebi confirmaram que eu estava na direção certa.

Antes de começar minha pesquisa, muitos aspectos da vagina na história e na sociedade eram misteriosos para mim: desde a questão do porquê de tantas mulheres escritoras e artistas terem tido suas maiores explosões de criatividade após um despertar sexual; o porquê de algumas mulheres tenderem a se viciar no amor; o porquê de as mulheres heterossexuais ficarem frequentemente confusas entre a atração pelo garoto mau/homem bom; e o porquê — e aí uma nota mais obscura — de a vagina ter sido alvo de abuso, violência e controle durante a maior parte da história ocidental.

Quanto mais eu aprendia sobre a neurologia da vagina e a bioquímica que

ela libera no cérebro, mais esses mistérios, que sempre haviam me parecido mais culturais, eram esclarecidos. Quando se compreende o que os cientistas, nos mais avançados laboratórios e clínicas do mundo, estão confirmando — que a vagina e o cérebro formam essencialmente uma rede, ou “um único sistema”, como eles tendem a colocar, e que a vagina media a confiança, a criatividade e o sentido de transcendência femininos —, a resposta para muitos desses aparentes mistérios se encaixa em seu lugar.

Na primeira seção do livro, exploro as formas pelas quais a vagina tem sido seriamente mal compreendida. Analisando a ciência recente e formulando perguntas pessoalmente e *on-line*, descobri que as experiências da vagina podem — no nível da biologia — aumentar a autoconfiança feminina, ou, da mesma forma, levar à falta de autoconfiança; podem ajudar a desenvolver a criatividade feminina ou apresentar bloqueios a ela. Essas experiências podem contribuir para um sentido de alegria e interconexão da mulher com o mundo material e espiritual — ou para a consciência dolorosa da perda dessa interconexão. Podem ajudá-la a experimentar um estado de misticismo transcendental que pode afetar o resto de sua vida — ou deixá-la no limiar desse estado, com a intuição de que há algo “mais”. Esta última experiência, por sua vez, pode levar não apenas a uma diminuição de seu desejo pelo sexo, mas também deixar vestígios pelo resto da vida do que pode ser chamado de “depressão existencial” ou “desespero”.

A segunda seção deste livro explora como o controle social da vagina e da sexualidade das mulheres tem sido um veículo para controlar a mente e a vida interior das mulheres ao longo da história ocidental.

A terceira seção do livro analisa a cena contemporânea e mostra como as pressões modernas, tais como a prevalência da pornografia, estão dessensibilizando tanto homens como mulheres em relação a uma “vida” melhor para a vagina.

A seção final do livro explora como “invocar a deusa” — ou seja, como reformatar nossa noção da vagina em relação a nós mesmas e nossos parceiros no contexto de sua real tarefa neurológica de mediadora e protetora do sentido do ser mais elevado, extático e inquebrável das mulheres. Analisarei o que as mulheres mais necessitam — para a felicidade e realização sexual, mas também para o bem-estar em geral —, com base na nova neurociência e no que aprendi com vários mestres do Tantra, que

passam seus dias curando e despertando mulheres que foram feridas ou estão adormecidas sexual e emocionalmente.

A maior parte dos exemplos deste livro, especialmente sobre a fisiologia da excitação e do orgasmo feminino, terá implicações que são inclusivas para mulheres de todas as orientações sexuais — *gays*, héteros, bissexuais e assim por diante. Mas um dos meus temas principais é a exploração das interações físicas e emocionais de mulheres heterossexuais com homens. Alguns dos estudos científicos focam diretamente a fisiologia do intercurso sexual.

De minha parte, esse foco não acontece porque penso que a excitação sexual, o orgasmo, as relações ou as conexões mente-corpo lésbicos e bissexuais é menos fascinante que suas contrapartes heterossexuais. Mas sim porque acredito (especialmente agora) que as respostas sexuais femininas e a conexão mente-corpo femininas sejam tão complexas e tão dignas de atenção cuidadosa e individualizada, que não creio que a abordagem politicamente correta de juntar todas as experiências femininas em uma só categoria faça justiça a essas variações. Acredito, sim, que as questões paralelas sobre a fisiologia dos eros lésbico e bissexual, a conexão mente-corpo lésbica e bissexual e a questão da vagina nos contextos lésbicos e bissexuais, todas mereçam seus próprios livros.

Tampouco essas questões são direcionadas a mulheres que estão atualmente em relacionamentos, apesar de que, como dito, vários exemplos sejam centrados no sexo. Essas observações se aplicam, em primeiro lugar, ao relacionamento sexual das mulheres com elas mesmas.

O QUE É “A DEUSA”?

Ao longo do livro, vou me referir a um estado mental ou uma condição da consciência feminina que chamarei, para facilidade de referência, mas também pelo eco que produz, de “a deusa”. Não pretendo trazer à mente imagens piegas dos anos 1970 de adoração da deusa pagã em retiros exclusivamente femininos nos parques estaduais americanos, nem tenho a intenção de criar a imagem da “autoestima” simplista da cultura *pop*. Em vez disso, crio um espaço retórico que ainda não existe quando falamos da vagina, mas que se refere a algo muito real.

O psicólogo William James estabeleceu uma escola de pensamento conhecida como “consciência biológica” — ou seja, a exploração de como o corpo físico afeta os estados da mente. Em 1902, James publicou o clássico *As variedades da experiência religiosa*.^[3] Em seu livro, no qual baseio parte de meu argumento, ele explora o papel da experiência transcendente — da qual muitas pessoas tiveram apenas um vislumbre ou uma sensação, mas que a atual pesquisa mostra que já foi experimentada em algum grau pela maioria — na cura dos traumas e depressões.^[4] Sem fazer nenhum tipo de alegação sobre a natureza objetiva de “Deus” ou do “sublime”, James abordou a questão da neurologia como um substrato para essas experiências místicas comuns. Defendeu que, quando o cérebro experimenta o estado que corresponde a esses conceitos, mesmo que sejam baseados em experiências físicas, pode haver a transformação da pessoa: “como fato psicológico, os estados místicos, quando muito pronunciados e empáticos, são geralmente impositivos sobre as pessoas que os experimentam”.^[5]

James acreditava que esses estados mentais — que ele e nós chamamos de “místicos” e que o poeta William Wordsworth descreveu como uma sensação que todos nós temos, em certos momentos, de familiaridade com uma “glória” que está em algum outro lugar — estejam disponíveis para nós no portal do inconsciente.^[6]

De fato, os estados místicos não são impositivos simplesmente por serem estados místicos... eles falam da supremacia do ideal, da vastidão, da união, da segurança e do repouso. Oferecem-nos *hipóteses*, hipóteses estas que podemos voluntariamente ignorar, mas que, como pensadores, absolutamente não podemos negar.^[7]

Esses estados são transientes e passivos, mas James apontou que, como resultado da experiência de tais estados de consciência, grandes curas, grande criatividade e até mesmo grande felicidade entram na vida das pessoas. Será que de fato muitas pessoas se tornaram mais felizes, mais amáveis e mais criativas como resultado de experiências de “Deus” ou do “sublime”, mesmo que momentâneas? Quer tenham ou não sido causadas pela “mera” bioquímica? James defende que sim.

Mesmo antes de a mais moderna neurociência demonstrar que o cérebro feminino durante o orgasmo revela atividades que levam a uma quebra das barreiras do ego, uma experiência mística ou semelhante a um transe — talvez não idêntica à que James investigava, mas não tão diferente em seus

efeitos —, os cientistas já sabiam que há uma antiga conexão entre o orgasmo e a liberação de opioides no cérebro. Os opioides — uma forma de neuropeptídios — produzem a experiência do êxtase, da transcendência e da felicidade. Sigmund Freud, em seu livro de 1930 *O mal-estar na civilização*, refere-se ao que Romain Rolland havia identificado como “o sentimento oceânico”. Rolland usou essa expressão para se referir ao tom emocional do sentimento religioso, a sensação “oceânica” da ausência de limite. Freud chamou isso de um anseio infantil.^[8]

Mas Freud era homem; e a ciência recente pode indicar que, pelo menos no orgasmo, as mulheres podem experimentar essa sensação oceânica de uma forma única. Uma pesquisa recente baseada em ressonâncias magnéticas realizada por Janniko Georgiadis e sua equipe mostrou, em 2006, que regiões do cérebro feminino que estão ligadas à autoconsciência, inibição e autorregulação se aquietam momentaneamente durante o orgasmo feminino.

^[9] Para a mulher envolvida, essa sensação pode se parecer com o desaparecimento de barreiras, uma perda do ser e, quer excitante ou amedrontador, a perda do controle.

Em geral, muitos neurocientistas dos últimos trinta anos confirmaram que James estava bioquimicamente correto: sem dúvida, há alterações cerebrais que correspondem à experiência do “sublime”. Benefícios tremendos — sensações maiores de amor, compaixão, autoaceitação e conexão — foram evidenciados em pessoas que cultivaram esses estados da mente, como mostram o trabalho do psicólogo Dan Goleman sobre inteligência emocional, em seu livro de 1995 de mesmo nome, e a obra do Dalai Lama sobre meditação. Pesquisadores ocidentais demonstraram, também, que os estados de êxtase meditativo podem envolver liberação de opioides. Todas as mulheres, como veremos, têm potencial para ser multiorgásticas. Portanto, o potencial místico ou transcendente da sexualidade feminina descrito acima também permite que as mulheres se conectem, frequentemente e de uma forma única, mesmo que só por alguns momentos, com experiências de um ser brilhante, “divino” ou superior (ou o não ser, como diriam os budistas), ou com uma sensação de conexão entre todas as coisas. Produzir o estímulo necessário para esses estados de mente é parte da tarefa evolucionária da vagina.

Por séculos, os filósofos falaram do “buraco com a forma de Deus” nos

seres humanos — o anseio que os seres humanos sentem por se conectar com algo que seja maior que eles próprios e que motive buscas religiosas e espirituais. Como diz o filósofo do século XVII Blaise Pascal:

O que mais prova todo esse anseio, esse desamparo, além do fato de que houve uma vez no homem a verdadeira felicidade, da qual tudo que resta agora são a marca e o traço vazios? Esse vazio ele tenta em vão preencher com tudo à sua volta, buscando em coisas que não estão lá a ajuda que não pode achar nas que estão, mesmo que nenhuma ajude, já que esse abismo infinito pode apenas ser preenchido com um objeto infinito e imutável: em outras palavras, pelo próprio Deus.^[10]

Os cientistas eliminaram a hipótese de que esse anseio, esse apetite por preencher um “abismo infinito”, seja uma capacidade neural com a qual nascemos, uma habilidade inata para experimentar e se conectar com algo que se parece, subjetivamente, com transcendência. A obra do Dalai Lama sobre a meditação, junto com os trabalhos de Dan Goleman, Lama Oser e a pesquisa do laboratório E. M. Keck para imagem e comportamento funcional cerebral sugerem que locais específicos do cérebro se iluminam quando os sujeitos experimentam o estado meditativo. Cientistas de Stanford também estão descobrindo a neurologia do êxtase.^[11] De modo típico, nesse estado de mente a pessoa sente, entre outras coisas, que tudo está bem com ela mesma e com o universo, e as negatividades e limitações do ego desaparecem. Os artistas produziram algumas das mais grandiosas obras da humanidade nas áreas da música, pintura e poesia após tais experiências.

Portanto, ao longo do livro defenderei que há uma versão dessa conexão com o “sublime” — mesmo que esta, assim como a “sensação oceânica” de Rolland, seja simplesmente um truque neurológico de nossa complicada fiação cerebral humana — que as mulheres podem experimentar durante e após certos momentos de elevado prazer sexual. Insisto que esse sentimento está criticamente ligado a uma experiência de amor-próprio ou autorrespeito e a uma sensação de liberdade e determinação. É por isso que a questão da sexualidade ser ou não tratada com amor e respeito se torna tão crucial. Esses momentos de alta sensibilidade sexual levam à consciência, por parte da mulher, de que ela está em um estado de um tipo de perfeição, em harmonia e em conexão com o mundo. Nesse estado de consciência, as usuais vozes interiores que dizem que a mulher não é boa o suficiente, não é bonita o suficiente ou não é agradável o suficiente para os outros são caladas, e o sentido grandioso de um conjunto maior de conexões — um sentido que chamarei, na falta de termo melhor, do feminino universal ou divino — pode

ser acessado.

Grandes *insights* criativos e um trabalho poderoso podem emergir após uma experiência de transcendência desse tipo. Acredito que, quando uma mulher aprende a identificar e cultivar a consciência da “deusa” como é aqui definida, seu comportamento consigo própria e com suas experiências de vida muda para melhor — pois a autodestruição, a vergonha e a tolerância a um tratamento inferior não podem viver em harmonia com esse conjunto de sentimentos.

Mas eu argumentaria, menos literalmente, que a deusa — um sentido do ser a que se aplica o gênero feminino, que brilha, sem mácula, sem ansiedade ou medo — é inerente a cada mulher; e argumentaria, ainda, que as mulheres tendem a intuitivamente saber se tiveram um vislumbre ou tocaram esse estado. Quando as mulheres percebem a fagulha da deusa nelas mesmas, comportamentos sexuais mais saudáveis e com mais autorrespeito são notados. A vagina serve, psicologicamente, para ativar essa matriz de elementos químicos que se parecem, para o cérebro feminino, com a deusa — ou seja, como uma consciência da própria dignidade e de um grande amor-próprio como mulher, como uma parte radiante do feminino universal.

A vagina pode até ser um “buraco”, mas, se compreendido apropriadamente, é um buraco com a forma da deusa.

1. Shere Hite, *The Hite Report: A Nationwide Study of Female Sexuality* (Nova Iorque: Seven Stories Press, 2004).[↵](#)
2. Catherine Blackledge, *The Story of V: A Natural History of Female Sexuality* (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2004).[↵](#)
3. William James, *The Varieties of Religious Experience* (Nova Iorque: Barnes and Noble Classics, 2004), 366.[↵](#)
4. *Ib.*, 329-71.[↵](#)
5. *Ib.*, 366.[↵](#)
6. William Wordsworth, “Ode on Intimations of Immortality from Recollections of Early Childhood”, em *The Major Works, including the Prelude*, Stephen Gill, ed., (Nova Iorque: Oxford World Classics, 2000): “There was a time when meadow, grove and stream / The earth, and every common sight / To me did seem / Apparelled in celestial light ... trailing clouds of

glory do we come / From God, who is our home”.[↵](#)

7. James, *The Varieties of Religious Experience*, 370.[↵](#)
8. Sigmund Freud, *Civilization and Its Discontents* (Nova Iorque: Penguin Books, 2002).[↵](#)
9. Janniko R. Georgiadis e outros, “Regional Cerebral Blood Flow Changes Associated with Clitorally Induced Orgasm in Healthy Women”, *European Journal of Neuroscience*, vol. 24 (2006); 3.305-16.[↵](#)
10. Blaise Pascal, *Pensées* (Nova Iorque: Penguin Books, 1996), 148.[↵](#)
11. Kamil Dada, “Dalai Lama Talks Meditation with Stanford Scientists”, *The Stanford Daily*, www.stanforddaily.com/2010/10/18/dalai-lama-talks-meditation-with-stanford-scientists.[↵](#)



A vagina possui uma consciência?



Conheça seu incrível nervo pélvico

O poético, o científico, o erótico — por que deveria a imaginação se importar com a que mestre serviu?

Ian McEwan, *Solar*

A primavera de 2009 foi linda. Eu estava emocional e sexualmente feliz, intelectualmente excitada e recentemente havia me apaixonado. Mas foi uma primavera em que, lentamente, comecei a perceber que havia algo terrivelmente errado em mim.

Estava com quarenta e seis anos. Tinha um relacionamento com um homem que combinava muito comigo em vários aspectos. Por dois anos, ele havia me dado grande felicidade emocional e física. Nunca tive dificuldade com minhas respostas sexuais, e tudo sempre correu bem nesse sentido. Mas, de forma quase imperceptível, comecei a notar uma mudança.

Sempre fui capaz de ter orgasmos clitoridianos; e quando cheguei aos trinta, já havia aprendido a ter o que provavelmente seria chamado de orgasmo “misto”, ou orgasmo clitoridiano/vaginal, o que adicionou o que parecia ser outra dimensão psicológica à experiência. Sempre havia experimentado um fluxo de sentimentos emocionais e físicos positivos no pós-coito. Depois de fazer amor, quando fui ficando mais velha, em geral após o orgasmo, enxergava as cores como se estivessem mais brilhantes; e os detalhes da beleza do mundo natural apareciam com mais destaque e eram mais atraentes. Sentia as conexões entre as coisas de forma mais distinta por algumas horas; ficava de bom humor, mais disposta a conversar e me sentia

mais energizada.

Mas, gradualmente, comecei a notar que isso estava mudando. Lenta, mas progressivamente, estava perdendo a sensibilidade *dentro* de meu corpo. E isso não era o pior. Para minha surpresa e desapontamento, se meus orgasmos clitoridianos eram tão fortes e prazerosos como sempre haviam sido, algo muito diferente estava acontecendo, depois do sexo, em minha *mente*.

Percebi, um dia, enquanto olhava as copas das árvores do lado de fora do quarto de nossa pequena cabana nas montanhas, que o fluxo pós-coito habitual de certa vitalidade que invadia o mundo, o encantamento comigo mesma e com tudo à minha volta, a energia criativa que percorria todas as coisas vivas já não se seguiam ao prazer físico que eu certamente havia acabado de experimentar. Comecei a notar que o sexo tinha cada vez mais a ver *apenas* com o prazer físico. É claro que ainda era muito bom, mas cada vez menos experimentava o sexo como algo de incrível significado emocional. Tinha um desejo físico — era um apetite e uma satisfação —, mas não estava mais sentindo aquela dimensão poética; não sentia a conexão vital com todas as outras coisas de minha vida. Havia perdido aquele fluxo de sensações, quando era capaz de ver as conexões entre as coisas; em vez disso, as coisas pareciam apagadas e não mais relacionadas a mim de uma forma que não era normal; e as cores eram apenas cores — não pareciam mais vivas após o sexo. Pensei: “ *O que está acontecendo comigo ?*”.

Apesar de não haver nada de errado com minha vida — e apesar de meu relacionamento continuar sendo maravilhoso —, comecei a sentir certa depressão. E, por baixo de tudo, uma sensação de desespero. Era como se fosse um filme de terror, como se as luzes e fagulhas do mundo fossem se esmaecendo — e não apenas após fazer amor, mas na existência do dia a dia. A dormência interna progredia. Não podia fingir que estava imaginando aquilo. Havia uma insensibilidade emocional que progredia de forma inexorável junto com todo o processo. Senti que estava perdendo, de alguma forma, tudo que me fazia ser mulher e que não conseguiria viver nessa condição pelo resto da vida.

Não conseguia discernir, de tudo o que havia pesquisado, o que poderia estar causando essa perda tão traumática e inacreditável. Um dia, tarde da noite, estava sentada sozinha sentindo a frieza do fogão de lenha, com a mente cheia de perguntas, sentindo-me desamparada, quando comecei

literalmente a barganhar com o universo, como se faz em momentos de grande crise. Na realidade, rezei, propondo um acordo: Se Deus (ou quem quer que estivesse ouvindo; eu estava disposta a ir com qualquer um disposto a aceitar o chamado) de alguma forma me curasse — de alguma maneira restaurasse o que eu havia perdido — e se eu aprendesse algo de valioso nesse processo, escreveria sobre isso — se houvesse uma mínima chance de que o que eu havia aprendido pudesse ajudar alguém.

Com o coração pesado — com medo de ouvir que não havia nada a ser feito em meu caso — marquei uma consulta com minha ginecologista, a dra. Deborah Coady. Nesse aspecto, fui muito afortunada, já que ela é uma das poucas especialistas nessas questões do corpo feminino, que, como acabou acontecendo, estavam sendo afetadas em mim: problemas com o nervo pélvico.

A dra. Coady é uma mulher adorável, na casa dos quarenta, com um cabelo castanho-claro que cai na altura dos ombros e um rosto que traz certa expressão de leve fadiga e receptividade à dor dos outros. Por causa de sua especialidade nas desordens do nervo pélvico feminino e particularmente em uma de suas variantes dolorosas chamada vulvodínia, que por sorte eu não tinha, ela vê com frequência mulheres que estão experimentando uma ampla gama de sofrimentos. Isso a fez uma mulher especialmente cuidadosa e compassiva.

A dra. Coady me examinou, fez perguntas em uma voz baixa e finalmente me disse que acreditava que eu estava sofrendo de uma dormência por uma compressão do nervo. A essa altura, eu sentia um tal pânico a respeito do que estava perdendo em termos das dimensões emocionais de minha vida e de minha sexualidade — e tão aterrorizada de perder ainda mais — que ela me levou para seu escritório particular dentro do consultório.

Ali, em um esforço para me acalmar, ela me mostrou duas imagens de Netter — ilustrações anatômicas lindamente desenhadas em cores. Frank Netter foi um talentoso ilustrador médico, cujas imagens de várias partes do corpo humano são clássicos visuais, colecionadas por alguns neurologistas, ginecologistas e outros especialistas, para ajudá-los a explicar realidades médicas abstratas de forma vívida a seus pacientes.

A primeira imagem mostrava a forma como os nervos pélvicos na mulher se dividem a partir da base da medula.^[1] Outra mostrava como uma

ramificação, que se originava no clitóris e no nervo dorsal e clitoridiano, fazia um arco elegante para chegar à coluna, enquanto outras ramificações faziam curvas sinuosas, originadas na vagina e também no colo do útero. As ramificações nervosas que vêm da vagina e do clitóris vão para um nervo maior, o pudendo, enquanto as ramificações que vêm do colo do útero vão para o nervo pélvico.^[2] Toda essa complexidade, como eu aprenderia depois, dá à mulher diferentes áreas em sua pelve onde orgasmos podem ser produzidos, e tudo isso se conecta à medula espinhal e depois ao cérebro.

A dra. Coady suspeitava que meu problema era a compressão espinhal de um desses nervos.

Mas ela queria me garantir que, pela forma como as mulheres são formadas, não importava a seriedade da compressão espinhal que suspeitava que havia ali, eu jamais perderia a capacidade de ter um orgasmo clitoridiano. Minimamente reconfortada, saí do consultório com um pedido de ressonância magnética e uma indicação para ver o dr. Jeffrey Cole, o homem do nervo pélvico em Nova Iorque.

Encontrei o dr. Cole no Kessler Institute for Rehabilitation, que ele ajuda a comandar, em Orange, Nova Jersey. Um homem calmo e serenamente divertido, com maneiras antiquadas e reconfortantes, olhou minhas radiografias iniciais, examinou minha postura em pé à sua frente e escreveu rapidamente uma receita para um odioso colete ortopédico.

Duas semanas depois, voltei para a consulta de retorno com o dr. Cole. As azaleias estavam em flor naquela época — ainda era a mais adorável parte da primavera —, mas eu estava quase desmaiando enquanto cruzava os bairros residenciais no banco de trás de um táxi meio acabado. Eu me sentia também bastante desconfortável, já que, nas duas últimas semanas, havia usado o tal do colete. Ele ia da linha superior dos meus quadris até a parte de baixo da caixa torácica e me obrigava a me sentar completamente ereta.

Estava com muito medo de ouvir o que dr. Cole tinha a dizer agora que já sabia os resultados da ressonância. O exame, informou dr. Cole, mostrava que eu tinha uma doença degenerativa na coluna: minhas vértebras estavam desmoronando e comprimindo umas às outras. Fiquei muito surpresa, pois nunca havia sentido nenhuma dor ou tido nenhum problema nas costas.

Ele me surpreendeu mostrando-me radiografias adicionais que havia tirado na última consulta: não havia como ignorar ou negar — na L6 e na S1, na região lombar, minha coluna se parecia com uma torre de Lego que havia deslizado até certo ponto, exatamente meio caminho para fora do alinhamento central — de forma que metade das vértebras na pilha estava em contato com a outra, mas a outra metade flutuava no espaço.

Eu me vesti e me sentei no consultório do dr. Cole. Ele começou a fazer uma entrevista inesperadamente dura e direta comigo: “Você já sofreu algum golpe na região lombar?”; “Algo se chocou contra a região inferior de suas costas?”. Disse que era uma lesão grave e que eu devia ter alguma lembrança do que a havia causado. Repeti que não tinha lembrança de nenhum trauma. Quando finalmente percebi o que ele poderia também estar perguntando, confirmei que ninguém nunca havia batido em mim.

Depois de cerca de cinco minutos desse vaivém, lembrei-me de que sim, de fato, eu havia sofrido um golpe. Quando eu tinha vinte e poucos anos, escorreguei em uma loja de departamentos, caí de um lance de escadas e aterrissei sobre minhas costas. Não senti muita dor, mas fiquei muito trêmula. Chegou uma ambulância, e me levaram para o hospital St. Vincent, onde fizeram radiografias. Nada de interesse foi encontrado, e fui liberada.

Dr. Cole registrou a informação e pediu mais uma série de exames de imagem — dessa vez, radiografias mais detalhadas. Também realizou um exame bastante desconfortável, no qual aplicou impulsos elétricos em minha rede neural por meio de agulhas, para ver o que “acendia” e o que permanecia no escuro.

Em nosso terceiro encontro, também na clínica no bairro residencial, voltei para a mesa de exames. Dr. Cole explicou que o novo conjunto de radiografias havia revelado exatamente qual era o problema. Eu havia nascido com uma versão discreta de espinha bífida, uma condição em que a espinha vertebral não chega a se desenvolver completamente. O trauma de vinte anos atrás havia fissurado as vértebras já fragilizadas e formadas de maneira incompleta. O tempo havia tirado minha coluna vertebral de seu alinhamento em volta da lesão, que agora comprimia uma ramificação do nervo pélvico, uma das que o dr. Cole havia me mostrado na imagem Netter — justamente aquela que terminava no canal vaginal.

Eu tivera uma sorte incrível de jamais ter sentido nenhum sintoma até

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vagina, Uma Biografia"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).